

# BROCOS E PAULINO: DOIS ARTISTAS EM DOIS TEMPOS

**Pós – Graduação Lato Sensu: Histórias e Culturas Afro  
brasileiras e indígenas para a Educação**

FACON – Faculdade de Conchas

Léia Maria de Assis Magalhães Freire

## Lágrima do Sul

Milton Nascimento

Reviver  
Tudo o que sofreu  
Porto de desesperança e lágrima  
Dor de solidão  
Reza pra teus orixás  
Guarda o toque do tambor  
Pra saudar tua beleza  
Na volta da razão  
Pele negra, quente e meiga  
Teu corpo e o suor  
Para a dança da alegria  
E mil asas para voar  
Que haverão de vir um dia  
E que chegue já, não demore, não  
Hora de humanidade, de acordar  
Continente e mais  
A canção segue a pedir por ti  
(a canção segue a pedir por nós)  
África, berço de meus pais  
Ouço a voz de seu lamento  
De multidão  
Grade e escravidão  
A vergonha dia a dia  
E o vento do teu sul  
É semente de outra história  
Que já se repetiu  
A aurora que esperamos  
E o homem não sentiu  
Que o fim dessa maldade  
É o gás que gera o caos  
É a marca da loucura  
África, em nome de deus  
Cala a boca desse mundo  
E caminha, até nunca mais  
A canção segue a torcer por nós

## I – ENTRADA

Desde o primeiro momento de decidir sobre o assunto a ser discutido neste artigo, uma dúvida pairou no ar: o que escrever diante de tantas coisas que foram abordadas nesses dezoito meses de curso? O que me tocou mais? Em que eu realmente quero me debruçar e aprofundar?

Eu tinha apenas uma certeza: as artes visuais! Esta seria coluna vertebral desse artigo, uma vez que tenho vivido profissionalmente como arte-educadora, atualmente dedicada a dois lugares distintos, um público e outro privado, tratando-se respectivamente das Fábricas de Cultura e do Espaço Viveka.

Como projeto do governo do Estado de São Paulo, o programa para as Fábricas de Cultura foi criado com o objetivo de ampliar conhecimentos através da interação com a comunidade, oferecendo cursos e uma programação cultural diversificada. Nesse lugar, ministro aulas de cerâmica para pessoas de diversas idades e classes sociais. Atendo a duas unidades: uma vez por semana, no período noturno, em Sapopemba; e duas vezes por semana, no período vespertino, no Belém.

Em novembro de 2017 levei a turma de aprendizes para uma visita guiada ao Museu Afro. A exposição apresentada: "Design e Tecnologia no Tempo da Escravidão", retratava as tecnologias que os negros trouxeram para o Brasil, usadas no dia a dia da cozinha e da lavoura.

Fomos recepcionados pelo educativo do Museu e o mediador explicou que os negros que aqui chegavam eram trazidos por uma especificidade e não pela sua força física, ao contrário do que é descrito nos nossos livros de história. Um dos exemplos citados foi que eles eram enviados para as fazendas de café ou cana de açúcar e eram escolhidos por suas habilidades e tecnologias, por isso o tráfico negreiro costumava acontecer sempre por uma determinada região africana, para uma brasileira. Os aprendizes apresentaram falas interessantes e reflexões sobre as próprias negritudes. Um deles declarou: "Professora eu nunca tinha ouvido falar sobre a inteligência do meu povo, somente ouvi o quanto eles eram fortes para o trabalho".

Durante essa mesma época, eu estava cursando uma disciplina na Pós-Graduação, denominada "Histórias das Culturas Afro brasileiras e Indígenas para Educação", que narrava sobre racismo. Pensei, então, que essa abordagem pudesse ser o mote para esse artigo, em que poderia recorrer a entrevistas, depoimentos e relatos. Nesse caminhar, algumas barreiras precisariam ser superadas, já que as férias estavam chegando e a falta

de contato, somada à saída de alguns aprendizes da turma, poderiam deixar lacunas no trabalho.

O Espaço Viveka congrega várias áreas de conhecimento, com serviços especializados em Arte, Educação e Saúde, visando despertar a sensibilidade e a participação criativa de seus frequentadores. Além dos profissionais que se dedicam regularmente à Psicologia, Psicopedagogia, Trabalhos Corporais e Terapias Complementares, conta com cursos de yoga, teatro, cerâmica, desenho, pintura, história da arte, pré-vestibular para provas de aptidões específicas e arte para crianças.

Em janeiro de 2018 juntamos um grupo de educadores do Espaço Viveka para uma visita técnica ao museu de Belas Artes no Rio de Janeiro, para um mergulho na arte brasileira do século XIX, quando me deparei com uma tela do pintor Modesto Brocos y Gómez, "A Redenção de Cã", de 1895.



**Figura 1** Modesto Brocos. Óleo sobre tela, 199 x 166 cm  
Assinada M. Brocos Rio de Janeiro, 1895  
Transferência, 1937, Escola Nacional de Belas Artes

Trata-se de um óleo sobre tela, em que o artista retrata uma cena de uma mulher negra em pé, com as mãos erguidas ao céu diante de uma palmeira. Essa mulher está posicionada como se rogasse ou agradecesse a um pedido. Ao centro, outra mulher de pele mais clara, sentada, segurando uma criança no colo, apontando para aquela mulher em pé. À direita delas, um homem sentado numa soleira de porta, quase de costas para as outras duas mulheres, mas com um semblante feliz, olhando para a criança pelos cantos dos olhos.

À medida que o grupo foi lendo e refletindo sobre a obra, foram surgindo algumas observações e associações. A "figura com as mãos aos céus", por exemplo, foi associada a uma "benzedeira". O "sorriso desse pai", contudo, parecia contrastar com a cena pensada, uma vez que não vinculamos a figura das duas mulheres como mãe e filha, pois os tons de pele são muito diferentes.

Um dos professores do grupo informou que o pintor Modesto Brocos y Gomes era espanhol, se naturalizou brasileiro e foi professor da ENBA (Escola Nacional de Belas Artes), e que a obra representa a avó agradecendo aos céus o neto ter nascido branco. Essa informação favoreceu o interesse da leitura da obra, afinal tinha me tornado avó à poucos meses, então ficamos muito tempo observando a tela.

Para mim, foram surgindo as lembranças das obras da artista Rosana Paulino, uma artista contemporânea e muito apreciada por nós, que tem uma temática forte nas questões sociais, étnicas e de gênero. Desde aquele momento, comecei a pensar como ficaria interessante um texto fazendo conversas de dois artistas, trazendo o racismo e o preconceito de forma tão antagônica, com diferença de mais de um século de distância.

Chegando em casa e ainda imersa nessas reflexões, em um momento de total relaxamento, assistindo a um programa de tevê sobre arte, aparece a artista Rosana Paulino falando sobre a representação negra na arte brasileira e faz um apontamento sobre essa mesma obra do Brocos. Na hora fiquei perplexa, a coincidência era grande e considerei esse acaso como uma força simbólica. Conversei com minha orientadora para a autorização da mudança do assunto e fui de corpo e alma nas pesquisas.

Esse caminho foi se abrindo com as várias leituras, a principal delas: o livro "Contornos do (In)visível Racismo e estética na Pintura Brasileira" de Tatiana Lotierzo.<sup>1</sup> A partir dele fui me surpreendendo, descobri as intenções para a pintura de Modesto Brocos, a que ela se prestou na época, enfim cada texto foi tirando o meu chão e fui

precisando me deslocar para poder compreender essa perspectiva contextual, descobrindo outros paradigmas.

Após essas pesquisas textuais procurei me inclinar nas leituras da obra: a formal, temática, simbólica, histórica etc. Foi assim que pude me encantar com a maestria do pintor, sem que o meu olhar cultural contemporâneo pudesse somente rejeitá-la.

Indicada pela minha orientadora, pesquisei sobre racismo, com a Professora Nilma Lino Gomes<sup>2</sup> e com o Professor Kabengele Munanga<sup>3</sup>, ele trazendo a etimologia e história do conceito de raça e ela me fazendo refletir muito sobre diversos termos que usamos sem a percepção total de seu conteúdo como raça, racismo, preconceito, discriminação etc.

A obra de Rosana Paulino veio desde o primeiro momento como um alicerce. A identificação que sempre tive com essa artista vem de longa data. Participei de um encontro com ela na época de faculdade e a impressão que tive, naquele momento, foi de rever uma amiga. Nas suas falas estão sempre presentes as vivências das mulheres negras, pobres e suburbanas, que não se perdem nas lutas diárias. A presença de Rosana Paulino vem com uma força maior para o trabalho, vem com uma esperança de luta que não pode cessar.

<sup>1</sup> LOTIERZO, Tatiana. “Contornos do (In) visível Racismo e estética na Pintura Brasileira (1850-1940)” São Paulo: EDUSP, 2017

<sup>2</sup> GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005. P. 39 - 62

<sup>3</sup> MUNANGA, Kabengele (2003) "Uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo Identidade e Etnia". [Artigo on-line]. 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação - PENESB-RJ, Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/downloads/09abordagem.pdf>>

## 2- MODESTO BROCOS



**Figura1**

O Quadro “Redenção de Cã” do pintor e escultor Modesto Brocos, pertence ao acervo do Museu Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro. É um óleo sobre tela, medindo 199 x 166cm.

A tela foi classificada como do estilo “realismo idealista”, premiada com medalha de ouro pelo júri da Escola Nacional de Belas Artes, na Exposição Geral de 1895 e foi arquivada como acadêmica, pois não tinha sinais das modernidades do impressionismo ou simbolismo, que já faziam parte das telas de outros artistas da sua época. Provavelmente a admiração do júri se deu pela sua temática, segundo Cardoso:

“Além do mais, o quadro não seria visto pelos espectadores da época como antiquado ou retrógrado, mas como uma expressão atual daquilo que havia de mais “científico” no pensamento brasileiro: isto é, a antropologia física de matriz etnográfica e o sociologismo evolucionista, vagamente inspirado nas ideias de Herbert Spencer <sup>1</sup>” (CARDOSO, 2008, pg.103)

Posteriormente, a obra “Redenção de Cam” foi apresentada no I Congresso Internacional das Raças, junto com a tese de João Baptista Lacerda, relativa ao branqueamento. Lacerda dizia que em até três gerações não existiriam mais negros no país. A obra vinculou-se a um discurso específico relativo à questão racial no Brasil

A composição representa quatro figuras humanas, três adultos e uma criança. Eles estão diante de uma casa aparentemente rústica. A figura da mulher negra em pé, à frente de uma palmeira, de mãos e cabeça erguidas, usa vestes muito simples compostas de uma saia longa rosada, os pés aparecem descalçados, um casaco verde escuro de mangas longas abotoadas somente por dois botões, uma blusa em tom mais claro aparece por essas aberturas do casaco. Na cabeça, um lenço branco com estampas e faixa vermelha é amarrado na nuca.

Ao centro do quadro está sentada outra figura feminina, com tom de pele mais claro, e com aparência mais jovem que a outra. Usa uma saia longa rosada, porém com uma gama cromática mais vibrante que a da outra mulher, com uma discreta estampa branca, apresentando um babado na barra e que deixa aparecer a ponta de um sapato. A blusa branca avioletada apresenta detalhes de bordados e babados. Por cima, um xale xadrez em tom azul celeste com vermelho e branco, que envolve mais seu lado esquerdo, onde se localiza a criança. Seus cabelos amarrados formando um coque ao alto da cabeça faz um contraste com a parede que apresenta uma construção de “pau a pique”. Seu rosto tem uma aparência suave e não tem deformações, como a da velha senhora. Com uma das mãos segura um bebê, que está sentado em seu colo; com a outra mão aponta com um dos dedos a figura da negra em pé. Seu olhar está dirigido para esta criança no colo.



A criança está vestida de camisolinha branca azulada, os pés estão descalços e em uma das mãos segura uma esfera amarela lembrando uma laranja e a outra mão está erguida, como se abençoasse a velha senhora. A cabeça da criança está voltada para a mulher em pé e à frente do batente da porta.

A figura de um homem sentado na soleira de uma porta está quase de costas para toda a cena, olha para a criança e sorri com satisfação, ele veste uma camisa clara e calças cinza. Aos pés um calçado que descobre o calcanhar. As mãos estão apoiadas sobre os joelhos, segurando as pernas. A figura deste homem contrasta com um fundo escuro, onde aparecem alguns móveis. Acima uma linha parecendo um varal de roupas estendidas. Aos pés, um chão de pedras dispostas somente onde ele está localizado, pois as pedras vão se escasseando, até chegar em chão batido onde se encontra a mulher negra.



**Figura 2-** Modesto Brocos. Óleo sobre tela, 199 x 166 cm  
Assinada M. Brocos Rio de Janeiro, 1895  
Transferência, 1937, Escola Nacional de Belas Artes/ Modificações da autora

As linhas compositivas da tela são bem evidentes: No centro compositivo está a criança, sua região cardíaca e a esfera amarela que ele segura em uma das mãos. O eixo central/vertical acompanha todo o batente da porta e finaliza no único sapato da mulher sentada. A horizontal percorre o casaco da senhora em pé e acompanha o braço do homem, até o dedo indicador. As linhas inclinadas apontam também direções de olhares e gestos, potencializando essas forças.



**Figura 3-** Modesto Brocos. Óleo sobre tela, 199 x 166 cm  
Assinada M. Brocos Rio de Janeiro, 1895  
Transferência, 1937, Escola Nacional de Belas Artes/ Modificações da autora

As formas predominantes da composição são triângulos e retângulos. Notar que as configurações femininas estão encostadas ao chão, enquanto a masculina parece suspensa. Observando também a triangulação que fazem as mãos, aludindo a uma simbologia cristã; “pai filho e espírito santo”, o que a configuração feminina também remete a muitas madonas da história da arte ocidental. Apresentadas nas figuras abaixo:

As Madonas de Rafael Sanzio (1483-1520) Itália:



**Figura 4** A pequena Madona Cowper, 1505  
Óleo sobre madeira- 59,9cmx44cm  
Galeria Nacional de Arte -Washington



**Figura 5** Madona Terranuova, 1504 – 1505  
Óleo sobre madeira -87cm diâmetro  
Museu do estado Berlim



Ou as Madonas de Leonardo da Vinci (1452-1519) Itália



**Figura 6** Madona do Cravo, 1478-1480  
Óleo sobre Painel 62x 47,5 cm  
Antiga Pinacoteca de Munique



**Figura 7** Madona Dreyfus -1475- 1480  
Óleo sobre Painel 15,7x 12,8cm  
Nacional galeria de Washington EUA

A obra “A Redenção de Cã” é repleta de contrastes. Na vertical, a metade clara em tom ocre e a outra escura em sépia. O lenço branco contrastando com a pele escura da senhora em pé. O casaco azul escuro e o Xale em tons de azuis contrastando com a parede

em ocre amarelado. A palmeira verde destoando dos rosados das saias. A outra metade da composição bem escura contrasta com o tom de pele e vestes claras do homem sentado, onde também contrastam com o fundo escuro as roupas brancas estendidas no varal.



**Figura 8** - Modesto Brocos. Óleo sobre tela, 199 x 166 cm  
Assinada M. Brocos Rio de Janeiro, 1895  
Transferência, 1937, Escola Nacional de Belas Artes/ Modificações da autora

A estrutura da tela se subdivide em alguns planos. O primeiro plano o chão, que também se subdivide em: o chão batido, onde a figura da mulher em pé está pisando descalça; o chão com algumas pedras, onde a mulher sentada está colocando a ponta do pé; e o chão de pedras, onde o homem apoia um dos pés. Em segundo plano está o lugar onde se encontram as figuras humanas. Em terceiro plano, a palmeira e a parede com o batente da porta. Em último plano, no escuro, o varal com as roupas.

A questão da coloração da pele das figuras parece ser a temática principal da obra, tornando-se evidente a abrangência de uma visão social, em que o reforço da nomeação da tela: “Redenção de Cã” dá o peso racial.

A “Redenção de Cam” refere-se a um episódio bíblico, em que Cam conta para os irmãos, Sem e Jafé, sobre a embriaguez e a nudez do pai. Segundo o texto “Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia” o Prof. Dr. Kabengele Munanga comenta sobre o mito:

“A primeira origem do racismo derive do mito bíblico de Noé do qual resulta a primeira classificação, religiosa, da diversidade humana, entre os três filhos de Noé, ancestrais das três raças: Jafé (ancestral da raça branca), Sem (ancestral da raça amarela) e Cam (ancestral da raça negra). Segundo o nono capítulo da Gênese, o Patriarca Noé depois de conduzir por muito tempo sua arca nas águas do dilúvio, encontrou finalmente um oásis. Estendeu sua tenda para descansar, com seus três filhos. Depois de tomar algumas taças de vinho, ele se deitara numa posição indecente. Cam, ao encontrar seu pai naquela postura fez, junto ao seus irmãos Jafé e Sem, comentários desrespeitosos sobre o pai. Foi assim que Noé, ao ser informado pelos dois descontentes da risada não lisongeira de Cam, amaldiçoou esse último, dizendo: seus filhos serão os últimos a ser escravizados pelos filhos de seus irmãos”. (MUNANGA, 2003, pg 8)

Essas explicações do Genesis 9, Segundo Lotierzo e Schwarcz reforçam as teorias da justificativas para a escravidão:

“Promovem uma modificação significativa do episódio escritural. A principal se dá entre o final da Idade Média e o início da era moderna. Num momento de expansão da Cristandade ocidental rumo à África, à Ásia e, posteriormente, às Américas, a passagem passa a ser utilizada como justificativa para a escravidão dos africanos, vista como "natural" pelos europeus. O mecanismo que permite tal modificação estrutural é que a pele de Cam (e seus descendentes) se torna, nessas interpretações, negra. Ao mesmo tempo, Sem passa a ser associado à Ásia e Jafé é descrito como branco.” LOTIERZO, SCHWARCZ, 2013, pg. 7

A palavra “Redenção”, segundo dicionário Aurélio:

“substantivo feminino Ação ou efeito de redimir; ato de se redimir; salvação. [Figurado] Amparo que auxilia em circunstâncias muito difíceis; salvação. [Teologia] Salvação da humanidade por Jesus

Cristo.[Antigo] Esmola que se ofertava ao indivíduo que estava preso. Etimologia (origem da palavra *redenção*). Do latim *redemptio onis*” (AURÉLIO, site)

Após esse contexto, faço a seguinte leitura da obra acima descrita: a cena é um retrato familiar. Em pé a avó negra agradece aos céus o nascimento do neto branco, que está no colo da mãe. Ela, com a pele mais clara, é a sua filha com um homem branco. E ao lado, o pai com a tez branca, sentado na soleira da porta, sorri satisfeito ao ver a sua descendência branca.

A velha senhora veste trajés simplórios, está em pé sob o sol que faz resplandecer ainda mais a brancura do lenço sobre sua cabeça, mas indefinindo os traços do seu rosto, evocando uma espécie de estátua de barro que provoca a indagação: “negros não precisam de identidade? ”

Refletindo sobre esse título: “Redenção de Cam”, posso interpretar a intenção do artista, como a libertação da maldição, que Noé faz para seu filho Cam. Acredito que o pintor Modesto Brocos tenha pensado neste título para que ninguém tenha dúvidas sobre a interpretação que ele sugeriu; daquela criança do quadro tenha se “libertado” da negritude da sua avó.

Descalça no chão batido e ao lado da parede de taipa, mostra a rusticidade, evidencia a dádiva divina de ter um neto branco. A palmeira, ao seu lado, é o símbolo da vitória e triunfo do cristianismo, e também segundo LOTIERZO (2017), “*Palmeira imperial de D. João e também ao dendezeiro, espécie tipicamente africana trazida pelos escravos nos navios negreiros, insinuando que a senhora tenha sido escrava proveniente da África*” Os indícios de natureza ou de simplicidade reforçam a leitura da pobreza e da ligação com a terra.

A postura da mulher sentada é de uma madona e aponta para a negra como se falasse com a criança sobre esse parentesco. Na mão esquerda usa uma aliança dourada indicando um casamento e é com essa mesma mão que segura a criança, evidenciando essa união com o homem que está ao seu lado.

A criança, voltada para a avó negra, observa e aponta com o dedo o seu ventre, de onde inicia toda a geração. Com a outra mão segura uma laranja, um símbolo de fertilidade, e faz também as vezes do fruto proibido, do pecado original, logicamente inserida na natureza brasileira. A cabeça do rebento está no eixo central do quadro,

exatamente em frente ao beiral da porta de madeira, indicando estrutura e rigidez. Esse beiral é o que divide as duas partes do quadro, a parte clara e escura, além de dois momentos passado e futuro. Os cabelos castanhos escuros da criança são suavemente ondulados, mostrando a mistura genética familiar. Ele veste uma bata muito alva com fita azul celeste no decote e essa brancura resplandece para toda a tela pois é o centro dela, enaltecendo o tom claro da criança.

A figura masculina do pai, sentada na soleira da porta com um fundo bem escuro, realça a mesma tez branca da criança. A cor branca, símbolo da purificação, pode ser confirmada com a imagem das roupas no varal, acima da cabeça deste homem, em que o tecido limpo e sem resíduos corpóreos: mostram-se prontos para cobrir o corpo nu. Ele usa roupas claras com mangas curtas, exibindo os braços fortes de trabalhador, embora passivamente cruzados. As pernas também se encontram cruzadas, com apenas um dos pés apoiado ao chão calçado com pedras, o que indica o anseio de melhoria na condição de vida. Isto também pode ser confirmado pela postura corporal dele, que dá as costas ao passado rústico, como o das mulheres, e põe o pé no progresso. (É importante notar que apenas a mulher sentada mostra a ponta de um sapato, um sinal de status). A utilização de chinelos remete a um momento de descontração e relaxamento. Contudo, o calcanhar exposto pode nos remeter a um sinal de vulnerabilidade, um ponto fraco: a paternidade de um mestiço. O sorriso de satisfação demonstra além de um ar viril, a alegria do embranquecimento.

O ar anedótico na obra de Modesto Brocos é uma constante, como descreve Capel e Witeze Jr:

“A anedota é aqui compreendida como um modo satírico que se utiliza de narrativas. Destaque-se que o pintor escritor possuía afinidades com o gênero, como comprovam suas xilogravuras publicadas no jornal satírico republicano *O Mequetrefe* (1875). Na obra de Brocos y Gomez, portanto, encontraremos traços críticos, usados com recursos de estranhamento pelo inverossímil, estratégias que se expressariam, muitas vezes de modo irônico. Sua relação com a conjuntura histórica ocorre em perspectiva performática e contingencial, com tons anedóticos”. (CAPEL, WITSE JR, 2012, pg 377)

Pesquisando um pouco sobre o pintor Modesto Brocos, ele nasceu em 1852, em Santiago de Compostela na Galícia, Espanha. Era de uma família de artistas e desde a



infância recebia as primeiras lições sobre arte. Ingressa cedo na formação artística na Galícia. Aos 20 anos vem para América do Sul, primeiro em Buenos Aires depois ao Rio de Janeiro. Trabalha como gravurista em alguns periódicos da Capital. Frequenta aulas na Academia imperial de belas Artes com Zeferino da Costa e Vitor Meireles e foi quem segundo o próprio Brocos (LOTIERZO apud. BROCOS pag.40) propôs aos alunos pintarem uma versão do episódio bíblico que posteriormente serviria de tema para a tela “Redenção de Cam”, o que desafiou a exploração de várias tonalidades de peles. Entre 1877 e 1890 ele volta a Europa para frequentar academias de renome na França, Espanha e Itália e convive com vários artistas importantes da época. Em 1891 decide voltar para o Brasil por dificuldades financeiras e obtém a nacionalidade brasileira, para exercer o cargo de professor em escolas de ensino médio, recebe um convite de Rodolfo Bernadelli para ser professor de modelo vivo na ENBA e fica até 1897 quando retorna a Europa e permanece até 1900 e no retorno ao Brasil volta a dar aulas na ENBA de gravura e pintura. Em 1930 Publica na Espanha um livro intitulado “*Viaje a Marte*”, uma obra de ficção com princípios eugênicos. Em 1933 escreve “Retórica dos pintores” enfatiza a ideia de buscar uma arte genuinamente brasileira, uma identidade nacional. O pintor Modesto Brocos falece em 1936 em sua casa em Teresópolis.

<sup>1</sup> Herbert Spencer –Filósofo/Biólogo e Antropólogo Inglês, admirador da obra de C.Darwin.

### 3- EMBRANQUENCIMENTO E RACISMO

A tela “Redenção de Cam” foi confeccionada poucos anos antes da Abolição da escravidão (1888) e da Proclamação da República (1889), e representava um pensamento muito peculiar da época. A elite brasileira enfrentava a presença maciça dos negros e da miscigenação das raças e não existia uma política para abrigar toda essa população recém alforriada. Começavam também os primeiros indícios de teorias Eugenistas.<sup>1</sup>

A abolição negou aos negros, em termos sociais, o direito a uma integração na sociedade, retirou deles a condição de escravos, mas não lhes proporcionou mais nada, nenhuma indenização, nenhuma assistência, levando a maioria deles a saírem das localidades rurais e a mudança para as grandes cidades, onde se juntavam aos mais carentes e socialmente excluídos, desenvolvendo uma vida marginalizada.

No texto: O destino dos negros após a abolição de Gilberto Maringoni, ele faz uma citação de Florestan Fernandes:

*“A desagregação do regime escravocrata e senhorial se operou, no Brasil, sem que se cercasse a destituição dos antigos agentes de trabalho escravo de assistência e garantias que os protegessem na transição para o sistema de trabalho livre. Os senhores foram eximidos da responsabilidade pela manutenção e segurança dos libertos, sem que o Estado, a Igreja ou qualquer outra instituição assumisse encargos especiais, que tivessem por objeto prepará-los para o novo regime de organização da vida e do trabalho. (...) Essas facetas da situação (...) imprimiram à Abolição o caráter de uma espoliação extrema e cruel”.*  
(MARIGONI APUD FERNANDES, 2012)

No século XIX, nos Estados Unidos, os grupos racistas usaram os trechos do Livro de Gêneses inserido no Antigo Testamento da Bíblia Sagrada Cristã – a maldição que Noé rogou à Cam, para justificar a escravidão e principalmente como resposta aos movimentos abolicionistas. No Brasil, a justificativa não era somente para os negros, mas também para os grupos indígenas. A escravização e o extermínio eram uma desculpa como “purificação” do pecado de Cam, a erradicação dos descendentes de Cam, dos filhos amaldiçoados de Noé. Nesta época já prevaleciam as teorias eugenistas, acima mencionadas, que defendiam que o homem branco europeu possuía um padrão melhor de saúde, beleza, competência civilizacional em comparação às outras raças.

<sup>1</sup>(Eugenia termo criado por Francis Galton, significando bem-nascido).

No ano de 1911 o diretor do Museu Nacional, João Batista Lacerda, apresentou a tela “Redenção de Cam”, no Primeiro Congresso Universal das Raças que aconteceu em Londres. O tema do seu artigo nesse congresso: “*Sur les métis au Brésil*” (Sobre os mestiços do Brasil), afirmava que, em um século, a população brasileira teria um aspecto muito diferente, e com o decorrer do tempo e o aumento das imigrações europeias, (como exemplo a imigração italiana) o elemento branco iria sufocar traços do elemento negro. Assim, a tela serviu perfeitamente para a demonstração dessa teoria. Alguns cientistas englobaram essas teses e adequando-as ao Continente Americano: o Embranquecimento. O embasamento era que a raça negra, em grande número no Brasil, iria arremeter culturalmente e geneticamente e, talvez, desaparecer depois de algumas gerações de mestiçagem entre brancos e negros.

Essas teorias racialistas só foram desvalorizadas depois da segunda guerra mundial, à medida que foram efetuados congressos instigados por organizações internacionais como a ONU e também com a declaração Universal dos Direitos Humanos. É também a ONU que aponta que no Brasil de hoje os negros são os mais assassinados, os que tem menor acesso ao sistema de saúde, os que possuem os menores salários e as menores escolaridades. O índice de população prisional é altíssimo em contrapartida à ausência de representatividade em postos governamentais.

O racismo não é o mesmo desde a época do pintor Modesto Brocos, ele foi se adequando às necessidades dos grupos dominantes, a exemplo da minha infância, uma época de ditadura militar onde era negado que existisse algum tipo de segregação racial. Por muitos anos ouvimos que no Brasil não existia racismo e que as nossas “diferenças” eram nosso “charme”. Questiono que charme é esse? A desigualdade de oportunidade é charmosa? O mito da democracia racial foi descoberto mas ainda temos muito a fazer. Uma sociedade mais justa e com oportunidades equivalentes entre todos, precisa primordialmente de cidadãos mais conscientes e isso surge de um processo educacional.

Segundo a professora e ex ministra Nilma Lino Gomes:

*“O racismo é, por um lado, um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo, etc. Ele é por outro lado um conjunto de ideias e imagens referente aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores. O racismo também resulta da vontade de se impor uma verdade ou uma crença particular como única e verdadeira”. (GOMES,2005, pg 52)*

Esse ódio tem deixado raízes profundas e nem sempre de forma explícita. Muitas vezes ele aparece através de frases e ditos populares proferidos sem reflexão, ou até ostensivo, como

em atitudes inescrupulosas e violentas. Ressaltando que esse tipo de atitude pode ser consequência de atitudes familiares discriminatórias.

O Professor Kabengele também descreve racismo como:

”...racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, linguísticos, religiosos, etc. que ele considera naturalmente inferiores ao grupo ao qual ele pertence. De outro modo, o racismo é essa tendência que consiste em considerar que as características intelectuais e morais de um dado grupo, são consequências diretas de suas características físicas ou biológicas”. (MUNANGA, 2003)

Quando nos declaramos brancos, pardos, negros ou indígenas, em qualquer censo ou pesquisa, nos identificamos pertencentes a um grupo específico, ligado à cor da pele e nunca à ancestralidade. É raro encontrar nessas pesquisas quem se declare negro, vindo de uma família mestiça. Assumir a sua identidade é um ato político, é assumir suas raízes, suas histórias, sua cultura.

No texto da professora Nilma Lino Gomes, “Alguns termos e conceitos presentes no debate das relações raciais no Brasil: uma breve discussão “ ela apresenta alguns conceitos que não só nos elucidam e interpretam essa temática racial, mas também nos reeducam. Ela cita, por exemplo, a respeito da Identidade, que não nascemos com ela pronta, é um modo de ser no mundo e com os outros. A autora comenta sobre a identidade negra:

“A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro.”(GOMES, 2005, pg 43)

A palavra “raça” carrega uma designação biológica, enquanto, na atualidade, o conceito de superioridade de raças já foi eliminado, em troca da palavra “etnias”. (GOMES apud BOBBIO): “um grupo social cuja identidade se define pela comunidade de língua, cultura, tradições, monumentos históricos e territórios“

Da mesma forma não podemos confundir Racismo com etnocentrismo: racismo como já descrevemos acima, é a aversão a uma raça, enquanto etnocentrismo é um sentimento de superioridade em relação a uma outra cultura. Já o preconceito racial é uma avaliação antecipada e negativa de um grupo de pessoas que ocupam outro papel social sem a menor ponderação. Quanto a discriminação racial, esta pode ser considerada como racismo e como a efetivação do preconceito, pois a discriminação é o ato, é a prática do racismo e do preconceito

Segundo Kabengele

“No Brasil o mito de democracia racial bloqueou durante muitos anos o debate nacional sobre as políticas de “ações afirmativas” e paralelamente o mito do sincretismo cultural, ou da cultura mestiça (nacional) atrasou também o debate nacional sobre a implantação do multiculturalismo no sistema educacional brasileiro.” (MUNANGA, 2003)

Por isso, o papel da Escola é fundamental. O conteúdo das *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana* são primordiais, porém como educadores, precisamos valorizar e fazer ações afirmativas de cada identidade racial. A apresentação do patrimônio cultural da população negra é imprescindível para a construção desta identidade e a sua autoestima.

#### 4-ROSANA PAULINO

Como referi anteriormente, ao ver o quadro “Redenção de Cam” lembrei da artista Rosana Paulino e suas obras. A presença do universo, ali discutido, da mulher negra, pobre, que no quadro de Modesto Brocos nos submete, uma subserviência contraposta a um protagonismo pictórico, me transmitiu principalmente a um trabalho da artista, intitulado “Bastidores”.

Esta obra foi a primeira que conheci da artista, em uma exposição no MAM-SP, no ano de 1997. Lembro que me impactou profundamente: as faces ali retratadas me pareciam familiares, pertenciam ao meu universo de memórias, não que as conhecesse, mas que pertenciam ao imaginário de uma época, que não foi difícil me identificar no trabalho e me sentir “censurada”, rasgada, cortada, costurada.

Abaixo a foto do trabalho “Bastidores”:



**Figura 9: “Série Bastidores”** Imagem transferida sobre tecido, bastidor e linha de costura – 30,0 cm diâmetro - 1997.



**Figura 10:** Imagem transferida sobre tecido, bastidor e linha de costura – 30,0 cm diâmetro



**Figura 11:** Imagem transferida sobre tecido, bastidor e linha de costura – 30,0 cm diâmetro



**Figura 12:** Imagem transferida sobre tecido, bastidor e linha de costura – 30,0 cm diâmetro



**Figura 13:** Imagem transferida sobre tecido, bastidor e linha de costura – 30,0 cm diâmetro

Essa obra é composta de alguns bastidores de madeira, desses utilizados para bordado, sendo que esses dois círculos de madeira podem esticar e prender um tecido facilitando o trabalho de bordadura. As imagens de mulheres negras são fotos 3x4, recolhidas, manipuladas e transferidas para o tecido por elementos químicos. Em cada foto a artista faz uma intervenção de costuras com linhas pretas, em regiões diferentes como olhos, bocas, gargantas, frentes, ouvidos etc.

O próprio nome da obra traz além da referência ao suporte para a costura, sua materialidade, “Bastidores” uma metáfora, que por traz dos palcos ficam aqueles que apoiam, mas não são protagonistas. Posição ocupada pelas mulheres negras na história e no imaginário brasileiro.

A artista ao manipular quimicamente a foto, transforma e retira qualquer indício de datação. Essas mulheres, além do anonimato, não estão presentes em determinada época. Elas podem ser desde uma ancestral, como também a vizinha ou uma passageira de ônibus. Não têm identidade, característica do universo doméstico, ocupado primordialmente por mulheres, evidenciando o caráter político do tema

As costuras que dão alusão a suturas, fazem um contraponto ao bordado, que possui um gesto delicado, protegido, tão identificado com uma atividade singela e extremamente feminina. Passa a compor no trabalho um procedimento opressor e violento, remetendo a imagens cruéis da escravidão e experiências contemporâneas de repressão, como as das violências domésticas e sociais, o silenciamento da sociedade. Essas suturas nos remetem aos olhos que não podem ver e se ver no mundo, as falas engasgadas e caladas, o grito de luta pelos próprios direitos e até a censura de pensamentos.

Sobre a escolha dos materiais, a artista Rosana Paulino argumenta:

“Objetos banais, sem importância. Utilizar-me de objetos do domínio quase exclusivo das mulheres. Utilizar-me de tecidos e linhas. Linhas que modificam o sentido, costurando novos significados, transformando um objeto banal, ridículo, alterando-o, tornando-o um elemento de violência, de repressão. O fio que torce, puxa, modifica o formato do rosto, produzindo bocas que não gritam, dando nós na garganta. Olhos costurados, fechados para o mundo e, principalmente, para sua condição de mundo.”(PAULINO –Site /Blog)

A disposição do trabalho: seriação das fotos, em horizontal, surge no meu imaginário a configuração de fotos em delegacias, lembrando que estão presas na parede, emparedadas. Ao ver



esse trabalho lembro que a sensação que tive de não conseguir desmembrar cada rosto, de trazer a individualidade, a todo o momento o coletivo é mais forte, e não te deixa focar em um só rosto.

A referência da litografia “*Castigo de Escravos*” exposta no Museu Afro, faz menção a obra *Bastidores*, e traz a reflexão das condições das mulheres negras na contemporaneidade.



**Figura 14:** *Castigo de Escravos*” 1839 -Jacques Etienne Arago Litografia aquarelada sobre papel- Museu AfroBrasil

Sobre a série “bastidores”, Rosana Paulino argumenta

“...no meu caso, tocaram-me sempre as questões referentes à minha condição de mulher e negra. Olhar no espelho e me localizar em um mundo que muitas vezes se mostra preconceituoso e hostil é um desafio diário. Aceitar as regras impostas por um padrão de beleza ou de comportamento que traz muito de preconceito, velado ou não, ou discutir esses padrões, eis a questão. Dentro desse pensar, faz parte do meu fazer artístico apropriar-me de objetos do cotidiano ou elementos pouco valorizados para produzir meus trabalhos. . ” (PAULINO –Site /Blog)

A artista Rosana Paulino foi criada no subúrbio de São Paulo, com uma infância humilde rodeada de mulheres fortes as quais influenciaram esse lado artístico, teve uma trajetória bastante diferente da maioria das mulheres negras brasileiras. Sua vida acadêmica é descrita no seu site:

“Doutora em Poéticas Visuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - ECA/ USP, é especialista em gravura pelo London Print Studio, de Londres, bacharel em Gravura pela ECA/USP, e bolsista eleita do BellagioArt Center, da Fundação Rockefeller, para o ano de 2014. Foi também bolsista do Programa Bolsa da Fundação Ford entre 2006 e 2008. Atualmente é docente na faculdade Estácio Radial de São Paulo, atuando nas áreas de Multiculturalidade, Interculturalidade, Interdisciplinaridade e Desenho. Seu trabalho vem se destacando por uma produção ligada a questões sociais, étnicas e de gênero. O foco principal de sua arte é a posição da mulher negra na sociedade brasileira e os diversos tipos de violência sofridos pela população afrodescendente em decorrência do racismo e das marcas da escravidão. Possui obras em importantes museus, tais como: Museu de Arte Moderna de São Paulo - MAM Pinacoteca Municipal, São Paulo Centro Cultural São Paulo - CCSP Museu Afro-Brasil, São Paulo Museu Salvador Allende, Chile.”*(PAULINO –Site)*

O crítico e Professor Tadeu Chiarelli no seu livro de 1999 “A Arte Internacional brasileira, faz um comentário sobre a artista:

“...Rosana Paulino, em sua trajetória apenas iniciada, busca poeticamente dar conta da história da população de origem africana no Brasil, por meio da história dos membros de sua família, sobretudo suas avós, mãe e irmãs. É graças à apropriação e rearticulação das imagens dessas mulheres, processadas em fotocópias e transformadas, ora em gravuras, ora em elementos constitutivos de objetos que recordam antigos altares votivos populares e patuás (espécie de escapulários sincréticos afro católicos), que Paulino vem tentando situar-se como mulher negra e artista, no momento brasileiro atual”. (CHIARELLI, 1999, pg 118)

Sendo assim, penso que quando a artista representa seu próprio corpo, com suas memórias e suas experiências, aborda a dor desses corpos traumatizados e sofridos, ressignificando através da arte, a construção de uma nova relação com a liberdade. Hoje Rosana Paulino, uma artista com vivências genuínas do subúrbio, modela a falta de identidade, grita a inquietude, rasga a mágoa e o inconformismo da história, mas costura em cada trabalho, em cada gesto, uma força...a ancestralidade negra. E falar dessa história tem sido a constante na obra da artista, um papel importante de construção dessa identidade feminina e negra.

O pintor Modesto Brocos, por sua vez, foi persistente e refinado na representação da pele negra, mas não consigo isentá-lo do contexto da época, já que era tão incomum. Capel cita no seu texto sobre o ensino na Escola Nacional de Belas Artes: "A posição de Brocos sobre a escravidão é ambígua. Sua obra contém tendências eugênicas, mas ao mesmo tempo, o tema da escravidão parece seduzir-lhe com predileção por certo exotismo e escolha consciente de representar negros para contribuir com uma representação verdadeiramente original sobre o Brasil".

Hoje apesar de uma crescente representatividade valorizando os traços negros, eles ainda são alvo de preconceitos e de padrões estéticos que os engessam, ficando cada vez mais difícil as novas gerações romperem essa casca que só inferioriza. Precisamos enfatizar a presença de modelos negros nas campanhas publicitárias, um protagonismo nas novelas, nas mídias em geral para reforçar a altivez. Mas essa representatividade caminha a passos lentos e afeta a cultura negra de forma geral.

Isolando de todo o contexto do quadro de Brocos, refletindo sobre o gestual da figura da velha senhora, erguendo seus braços, grata pelo nascimento de um neto branco, o quanto este gesto traz em si as histórias de vidas de um povo oprimido e sequestrado. Traz neste pequeno gesto de agradecimento, uma força de esperança. Essa criança "branca" será que obteve as facilidades que ela acreditava que teria?

Eu me encontro presente na figura dessa criança, uma criança branca, mas que pela sua história esconde a melanina de inúmeras peles. Reconheço meu lugar, não passo e não passei pelas violentas e constrangedoras falas e atitudes que neste exato momento muitos estão passando. Sou branca e obtive facilidades e autorizações nas várias passagens que me foram dispostas. Sou avó recente e não fiquei preocupada com a cor da pele da minha neta, sei que ela não terá suas habilidades e capacidades julgadas pela sua tez. Mas isso não basta para que eu possa me recolher aos meus travesseiros. A minha consciência de mundo é muito maior, para que a minha neta possa ter o seu espaço no mundo, todas as pessoas necessitam o mesmo direito.

## 5- Bibliografia:

CAPEL, Heloisa S. F. Entre o riso e o desprezo: Modesto Brocos como crítico na “Terra do Cruzeiro” Acesso em 20/05/2018 -15:30  
[http://www.dezenovevinte.net/criticas/mb\\_critico.htm](http://www.dezenovevinte.net/criticas/mb_critico.htm)

CAPEL, Heloisa S. F. e WITSESE J., Geraldo  
<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/viewFile/12071/8727>  
Performances híbridas no pensamento utópico de Modesto Brocos y Gomez (1852-1936) Heloísa Selma Fernandes Capel\* Geraldo Witeze Junior\*\* -acessado dia 11/03/2018/ !3:01

CARDOSO, Rafael (A Arte Brasileira em 25 quadros [1790-1930] Rafael Cardoso-Rio de Janeiro; Record, 2008- (pag 102 /107)

CHIARELLI, Tadeu ( A Arte Internacional Brasileira/ São Paulo: Lemos Editorial,1999

Dicionario : <https://www.dicio.com.br/redencao/> acesso em 20/04/ 2018 18:43

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005 -Acessado dia 09/04/2018 /21:20

LOTIERZO, Tatiana. “Contornos do (In) visível Racismo e estética na Pintura Brasileira (1850-1940)” São Paulo: EDUSP, 2017

LOTIERZO, Tatiana H.P. e SCHWARCZ, Lilia K.M.  
[http://cral.in2p3.fr/artelogie/IMG/article\\_PDF/article\\_a254.pdf](http://cral.in2p3.fr/artelogie/IMG/article_PDF/article_a254.pdf)

Raça, gênero e projeto branqueador: "a redenção de Cam", de modesto brocos/ Acessado 25/02/2018 /02:19

MARIGONI, Gilberto [https://www.geledes.org.br/o-destino-dos-negros-apos-abolicao-por-gilbertomaringoni/?gclid=EAIaIQobChMI7fs7Zi12wIVUQmRCh04ZQADEAAYASAAEgIva\\_D\\_BwE](https://www.geledes.org.br/o-destino-dos-negros-apos-abolicao-por-gilbertomaringoni/?gclid=EAIaIQobChMI7fs7Zi12wIVUQmRCh04ZQADEAAYASAAEgIva_D_BwE) O destino dos negros após a Abolição, Acessado 29/05/2018 23:50

MODESTO Brocos. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa21328/modesto-brocos>>. Acesso em: 11 de Mar. 2018. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

MUNANGA, Kabengele (2003) "Uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo Identidade e Etnia". [Artigo on-line]. 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação - PENESB-RJ, Disponível em: 29/05/2018/ 23:45@<<http://www.acaoeducativa.org.br/downloads/09abordagem.pdf>>

MUNANGA, Kabengele "Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia

<https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59> Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia -Acessado 29/04/2018 13:18

PAULINO, Rosana <http://www.rosanapaulino.com.br/> acessado em 13;41 18/04/2018